



Excesso de ansiolíticos e antidepressivos pode prejudicar alunos

■ Observatório de Interações Planta-Medicamento (OIPM) advertiu que o “uso excessivo” de ansiolíticos e antidepressivos pelos alunos, em época de exames, pode “funcionar em contracorrente”, porque a memória fica

diminuída.

Os jovens são o alvo desta semana da campanha “Aprender Saúde entre as Plantas e os Medicamentos”, do observatório da Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra

(FFUC).

“O uso de medicamentos na época dos exames traz vários problemas aos alunos”, alertou a investigadora Ana Rute Nunes, adiantando que “muitas destas substâncias aumentam os níveis de neurotransmissores, mas o custo na atividade neuronal a curto e longo prazo pode ser muito elevado, dado que muitas [destas substâncias] são produzidas sem nenhum controlo e o impacto que causam no organismo muitas vezes é imprevisível”.

Por outro lado, realçou, “o uso excessivo de ansiolíticos e de antidepressivos”, em época de exames, “pode funcionar em contracorrente, dado que a memória é diminuída com o seu consumo”.

Aconselhou ainda as pessoas a

quem forem prescritas benzodiazepinas (ansiolíticos), como clonazepam, diazepam, flunitrazepam, ou antidepressivos (amitriptilina, citalopram, clomipramina, fluoxetina, nefazodona) a evitarem o consumo de álcool, de plantas ou extratos, como a erva de São João (hipericão), sumos de laranja, de toranja e ginkgo.

Já a coordenadora do observatório, Maria da Graça Campos, alertou os jovens para os riscos de misturarem álcool, drogas e outras substâncias psicoativas com medicamentos, afirmando que podem causar danos em saúde, “muitas vezes irreversíveis”.

“O consumo de álcool, drogas, incluindo as smartdrugs e outras substâncias psicoativas, como antidepressivos e ansiolíticos,

continua a aumentar em Portugal”, disse.

“Os malefícios do álcool são sobejamente conhecidos e um excelente exemplo para explicar que uma dose elevada única pode conduzir ao coma alcoólico e consequente morte, enquanto o consumo crónico pode induzir toxicidade hepática (cirrose)”, adiantou. Misturá-lo com medicamentos “pode causar várias falhas terapêuticas, desde a ineficácia de antibióticos ao efeito cumulativo de depressão do sistema nervoso”, advertiu.

Relativamente às drogas ilegais, a docente lembrou que muitas destas substâncias são de origem natural, como a heroína (obtida da morfina que se retira da papoila dormideira), a cocaína (das folhas da coca), o LSD (de um fungo que se desenvolve no centeio), as anfetaminas (retiradas de várias plantas), cogumelos alucinogénicos e a canábida.

Segundo o observatório, os

canabinoides naturais (da planta canábida sativa) e os sintéticos acentuam o efeito psicotrópico das benzodiazepinas, álcool e barbitúricos. Esta droga potencia a ação dos relaxantes musculares, broncodilatadores, antieméticos, fenotiazidas, medicamentos antiglaucoma, anti-epiléticos, dissulfiram, varfarina, antidepressivos, como a fluoxetina, e de drogas como a cocaína ou os opiáceos. “Por favorecerem a imunossupressão estão contraindicados em doentes HIV-positivos”, acrescentou.

Também a pílula contraceptiva pode sofrer interações com medicamentos ou produtos de origem natural, como alguns anti-epiléticos (carbamazepina), o hiperico e laxantes.

Outro tipo de interações relaciona-se com o aumento do risco de trombo embolismo venoso, que pode ser potenciado pelo uso crónico de substâncias como a soja e o ginseng.